

O discurso religioso nas eleições à Prefeitura da cidade de São Paulo em 2012: a mídia conta esta história

Rosângela Ferreira de Carvalho Borges
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – Brasil/PNPD-Capes Institucional
rosangelafcb@gmail.com

Resumo

A referida proposta de Comunicação busca apresentar algumas questões levantadas sobre a imbricação entre discurso religioso e discurso político na campanha eleitoral à Prefeitura da cidade de São Paulo (Brasil) no ano de 2012, sob a perspectiva de Mikhail Bakhtin, filósofo da linguagem, especificamente aquelas que dizem respeito à dialogia, identidade e alteridade. Os discursos, enquanto *dado* da materialidade linguística, foram recolhidos dos noticiários publicados na Editoria de Poder do jornal impresso *Folha de S. Paulo*, nos meses de agosto a novembro de 2012, período estipulado pela Justiça Eleitoral Brasileira como aquele que permite a propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão, à promoção de comícios e a realização de debates no rádio e na televisão. Assim, diante do exposto, o nosso objetivo principal é compreender e interpretar o discurso religioso encontrado no discurso político da campanha eleitoral à Prefeitura da cidade de São Paulo, no ano de 2012, com o intuito de estabelecer pontes epistemológicas entre as questões éticas - construídas e reconstruídas no processo de redemocratização nos últimos trinta anos na sociedade brasileira -, os discursos midiáticos e as relações espaço laico e espaço religioso no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Discurso; Mídia; Religião e Política

Abstract

The proposed communication seeks to present some of the questions raised about the overlap between the religious discourse and the political discourse during the 2012 electoral campaign to the São Paulo city hall, under the perspective of the language philosopher Mikhail Bakhtin, particularly those regarding to dialogy, identit and alteraty. The discourses, taken as a linguistic materiality data, were collected from the news published in the *Editoria de Poder* of the (Brazilian) newspaper of August and November of 2012, which comprises the time period set by the Brazilian Electoral Law as the legal period of time for non-paid electoral propaganda on the radio and television, as well as for political rallies and political debates broadcasted on the radio and

television. Considering what was laid above, our main objective is to understand and interpret the religious discourse found on the political discourse of the election campaigning to the São Paulo city hall in the year of 2012, with the purpose of establishing the epistemological bridges between the ethical questions - which were built and rebuilt across the re-democratization process of the Brazilian society over the last thirty years -, the media discourses and the relations between the secular space and the religious space in the contemporary Brazil.
Key words: discourse; media; religion and politics.

Introdução

A considerar já de início o “díptico”¹ temático religião e política como campo fértil para alavancar discursos inflamados, principalmente quando estes estão inseridos numa disputa eleitoral de grandes proporções, uma vez que o município envolvido é nada mais, nada menos, do que a cidade de São Paulo, a mais rica do Brasil, segundo pesquisa divulgada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística², em 2012, como resultado de um projeto desenvolvido em parceria com os órgãos estaduais de estatísticas e secretarias estaduais visando a elaboração da publicação referente ao PIB - Produto Interno Bruto dos Municípios de todo o Brasil no ano de 2010, podemos afirmar que estamos diante de dois significativos aspectos que compõem o mosaico da grande complexidade e diversidade que engloba a sociedade brasileira, seja no âmbito da classe social, das relações de gênero, de raça e/ou de etnia, geracional, cultural, política, religiosa e regional. É fértil, no nosso entender, questionarmos modelos essencialistas pré-construídos e paradigmas naturalizados para rompermos com a crença nos pares de oposição religião e participação política e/ou ciência e religião, evitando assim a seguinte equação determinista: ausência de religião (ateísmo ou agnosticismo) é igual a progresso da política e da ciência.

A breve explanação tem apenas o intuito, também breve, de uma contextualização prévia que possa situar, *a posteriori*, o exercício de compreensão e interpretação dos discursos – discursos estes enquanto *dado* da materialidade linguística –, recolhidos dos noticiários publicados na Editoria de Poder do jornal impresso, diário, generalista, *Folha de S. Paulo*, no período correspondente aos meses de agosto de 2012 a novembro de 2012, período estipulado pela Justiça Eleitoral Brasileira como aquele que permite oficialmente

1 Nome dado a qualquer objeto que tenha duas placas planas ligadas entre si através de uma dobradiça.

2 Disponível em: <http://www.ibge.org.br/>. Acedido em 20 de agosto de 2013.

a propaganda eleitoral gratuita no rádio, na televisão, a promoção de comícios e de debates também no rádio, na televisão, bem como a utilização de mídias sociais online e rede sociais online, período este responsável, em grande parte, pelas pautas jornalísticas sobre as eleições municipais. De um total de 182 peças recolhidas no período apresentado, no referido jornal, nos interessa, neste trabalho de pesquisa, especificamente um *corpus* constituído com 52 peças, cujos discursos jornalísticos apresentados nos noticiários explicitam alguma relação entre política e religião.

1 - Um breve enquadramento da recepção da religião no Brasil - Censo de 2010 do IBGE

Recentemente o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³ divulgou os dados do Censo de 2010 sobre a religião (ou a não religião) declarada dos brasileiros. Segundo o IBGE, em 2010 os brasileiros católicos somam 64,6%. Os números mostram uma redução acentuada de poder da Igreja Católica no país nas últimas décadas diante da mudança lenta entre 1872 e 1970, com perda de 7,9% de participação no total da população ao longo de quase um século e acelerada acelerada nos últimos 20 anos do século XXI, quando a retração foi de 22%. Ainda de acordo com o IBGE, embora o Brasil figure no ranking como a maior nação católica do mundo, enquanto em 1970 havia 91,8% de brasileiros católicos, só na última década do século XXI houve uma redução de 1,7 milhões de fieis). Já os evangélicos, entre 1970 a 2010, saltaram de 5,2% para 22,2% da população e o segmento dos sem religião constaram como 8% da população brasileira, o maior índice de todos os recenseamentos desde o primeiro em 1872, denominado “Primeiro Resencimento da População do Império do Brasil”.

Se olharmos, nem que seja rapidamente, para as mudanças ocorridas no Brasil, nos contextos social, político, econômico e cultural nos últimos 40 anos, a tendência de redução dos católicos, a expansão das correntes evangélicas e o aumento dos sem religião⁴ são resultados decorrentes e condizente com os contextos social, político, econômico e cultural do Brasil.

O crescimento das correntes evangélicas proveniente, principalmente, do segmento pentecostal, ocorreu na esteira das migrações internas que se expandiram pelo país afora, nos idos dos anos de 1970. A população que se deslocou do campo para os grandes

centros urbanos, era, sobretudo, de pobres que se instalaram nas periferias das regiões metropolitanas. Nesses locais, os evangélicos construíram igrejas no vácuo da estrutura católica.

Quanto aos dados que informam que em 1970 havia 91,8% de brasileiros católicos, é imprecindível refletir sobre tal informação. Claro que os números em si são inquestionáveis, porém a forma de captação destes números e a argumentação interpretativa dos mesmos merece, pelo menos, ser aventada a possibilidade de uma melhor compreensão do papel da religião na esfera pública brasileira. A premissa falaciosa no jornalismo que afirmava que “contra fatos não há argumentos” serve também ao campo da estatística que muitas vezes insitia em afirmar que “contra números não há questionamentos”.

Nos idos de 1970 o Brasil estava mergulhado nos “anos de chumbo” - ditadura militar no Brasil⁵ - e o discurso oficial do Estado Brasileiro apresentava-se autoritário, hegemônico, monológico. Qualquer voz dissonante ao Regime era rapidamente sufocada, apagada - com todas as interpretações legítimas que “sufocada” e “apagada” podem ter em tempos de regime político ditatorial. Era muito comum, também, em treinamentos para a seleção de emprego o candidato receber o “alerta” de que seria de “bom tom” declarar na entrevista e/ou no cadastro de interesse de emprego – era de praxe a pergunta referente à religião do candidato - como pertencente à religião católica, independente da sua “confissão de fé” religiosa ou não. Assim, podemos dizer que num país como o Brasil, com significativa diversidade étnica, cultural, social, econômica e geográfica comprovadas, cuja população em 1970 contava com cerca de 90 milhões de habitantes⁶, 91,8% de católicos, porcentagem que determina que praticamente a totalidade da população no Brasil é católica, constitui resultado no mínimo bastante suspeito quanto à sua veracidade interpretativa.

5 Em 1964 um golpe militar realizado pelas Forças Armadas do Brasil leva o país à ditadura militar teve com um último presidente militar João Figueiredo em 1985. Daí para frente os civis retornam ao Governo e podemos dizer que o marco do retorno da democracia é em 1988 com a nova Constituição Brasileira. Para uma visão alargada da ditadura militar no Brasil, ver os livros *Dossiê Ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil, 1964-1985*. São Paulo: IEVE/Imprensa Oficial do Estado de S.Paulo, 2009; *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2012, de Edson Teles.

6 Hoje, segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2013 o Brasil já conta com uma população de 203 milhões de habitantes. Disponível em <http://www.ibge.org.br/>. Acedido em 4 de setembro de 2013.

3 Disponível em <http://www.ibge.org.br/>. Acedido em 20 de agosto de 2013.

4 A variável “sem religião” corresponde a ateus, agnósticos e aqueles que têm uma crença religiosa, mas que não professam uma religião.

Os templos afro-brasileiros nos idos dos anos de 1970 ainda – mais precisamente terreiros de Candomblé e Umbanda – sofriam forte perseguição das autoridades policiais. Uma intolerância religiosa velada e/ou camuflada em discursos que justificavam tal atitude policial e policialesca como um comportamento em prol da preservação da ordem social, prevenção da marginalidade. O mais comum, pelo menos entre a população de baixa renda, era afirmar, pelo menos no espaço público, pertencimento ao catolicismo. Existia uma exigência das autoridades para a legitimação de um discurso em que se afirmasse o Brasil como um país católico. Quanto aos sem religião, em plena ditadura militar assumir-se sem religião era algo praticamente inadmissível, porque era interpretado como uma confissão de aliado ao inimigo “número 1” da ditadura militar: o comunismo.

Não podemos omitir que tais procedimentos de intolerância à diversidade religiosa ou aos sem religião – somados aos ateus e agnósticos – eram prevaletentes no âmbito das instituições de segurança do Estado e não prevaletente na Igreja Católica, porque grande parte dos religiosos católicos no Brasil, durante a ditadura militar de 1964, não compactuou com o Regime, muito pelo contrário. E foi bastante perseguida e muitos dos religiosos foram presos, torturados e assassinados. Exemplo emblemático de prisão e tortura que depois levou ao suicídio, é o caso do dominicano Frei Tito, tão bem narrado no livro *Batismo de Sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella* (Betto, 1982) pelo, também, dominicano, amigo de Frei Tito, o escritor brasileiro Frei Betto.

No que se refere aos dados, que segundo a pesquisa, demonstram mudança lenta entre 1872 e 1970, com perda de 7,9% de participação no total da população ao longo de quase um século e acelerada nos últimos 20 anos, quando a retração foi de 22%, a comparação de lentidão para um período de 100 anos (um século!) e a aceleração de 20 anos é uma interpretação bastante duvidosa quando parte do espaço temporal de 100 para 20 anos. Só para levantarmos um aspecto econômico e um político: em 1872 o Brasil ainda era um país escravocrata e vivíamos num Império.

Os dados numéricos sobre os aumentos e a redução no âmbito das religiões é perceptível, a interpretação dos dados é que necessita de mais aprofundamento, com critérios metodológicos qualitativos melhor contextualizados, a partir de um

cotejamento com outras fontes de informações⁷.

A antropóloga Regina Novaes, no artigo *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?* publicado no livro *Retratos da Juventude Brasileira* (2005) como resultado da pesquisa nacional, quantitativa, “Perfil da juventude brasileira - Projeto Juventude” desenvolvida pelo Instituto Cidadania, faz uma importante reflexão sobre os jovens brasileiros nascidos na década de 1970 e sua relação com a religião:

“Os jovens brasileiros, nascidos do final da década de 1970 para cá, encontraram mundo mudado. Eles fazem parte de uma geração pós-industrial, pós-Guerra Fria e pós-descoberta da ecologia. Vivem as tensões e os mistérios do emprego, da violência urbana e do avanço tecnológico. Em um contexto de intensificação da difusão de informações, a cultura midiática também oferece espiritualidades. Para os jovens de hoje, multiplicam-se igrejas e grupos de várias tradições religiosas. Para eles também existem possibilidades de combinar elementos de diferentes espiritualidades em uma síntese “pessoal e intransferível”. Em síntese: nos dias atuais, surgem constantemente novas possibilidades sincréticas que, ao mesmo tempo, (re)produzem identidades institucionais e até novos fundamentalismos” (2005, p. 264-265).

2 - Um pouco do caminhar metodológico

E é nesse cenário que se coloca o desafio de compreender como, quando e quais as várias vozes, muitas vezes “apagadas” pelo discurso dogmático (Bakhtin, 1993), tanto religioso como político, que emergem nos discursos dos noticiários publicados na Editoria de Poder do jornal impresso *Folha de S. Paulo*⁸ nos meses de agosto a novembro de 2012, período da propaganda eleitoral gratuita no rádio, televisão, comícios,

⁷ Para um aprofundamento da questão da religião na sociedade contemporânea, o livro *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*, de autoria de Stefano Martelli, São Paulo: Paulinas, 1995, é leitura recomendável.

⁸ *Folha é o jornal com mais leitores na Grande São Paulo*. Folha de S. Paulo, Editoria Poder, 02/Set./2012, p. A19. De acordo pesquisa do Instituto Ipsos Marplan, relativa ao primeiro semestre de 2012, a FSP é o jornal impresso mais lido, com 1,557 milhões de leitores diários na Grande São Paulo. Em segundo lugar consta o jornal *O Estado de S. Paulo*, com 1,277 milhão de leitores. A tiragem do jornal e sua distribuição foi fator que predominou para a composição da recolha dos noticiários, uma vez que entendemos que a maior tiragem e circulação são pontos importantes na tendência da opinião pública.

debates na eleição de 2012 na cidade de São Paulo, com o objetivo principal de compreender e interpretar o discurso político imbricado com o discurso religioso vislumbrando estabelecer pontes epistemológicas entre as questões éticas - construídas e reconstruídas no processo de redemocratização nos últimos trinta anos na sociedade brasileira -, os discursos midiáticos e as relações entre as esferas religiosas e laicas no Estado Brasileiro⁹ contemporâneo - que é um Estado laico e a liberdade de crença consta na Constituição Brasileira de 1988 -, em um momento que os segmentos religiosos, sobretudo os evangélicos e neopentecostais, estão cada vez mais elegendo parlamentares com bases nessas instituições religiosas.

Marcelo Camurça, professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, Marcelo Camurça, em entrevista ao Boletim Unicap¹⁰, na qual analisa a relação entre política x religião e o panorama brasileiro da pesquisa nesta área do conhecimento, provoca interessantes reflexões sobre a temática das esferas religiosa e laica no Estado Brasileiro no panorama atual:

“O problema é mais profundo que a influência evangélica no parlamento brasileiro e diz respeito ao papel que a religião, grupos religiosos devem exercer no espaço público, democrático e republicano no país. De fato, não apenas evangélicos ou pentecostais, mas também católicos querem ter mais voz ativa nas questões políticas, jurídicas, científicas e de saúde pública no Brasil. As polêmicas que envolveram posições sobre as pesquisas científicas com células tronco no julgamento do STF, direitos jurídicos de casais homossexuais, permissão legal para realização do aborto vem estabelecendo clivagens na sociedade acerca do lugar da religião no espaço público. Estariam católicos e evangélicos ameaçando nossa laicidade e clamando por um Estado confessional? Ou estariam exercendo seu direito dentro da ‘liberdade religiosa’ e de ‘expressão’ garantida constitucionalmente?”

Mais adiante, na mesma entrevista, ainda sobre a mesma temática, Marcelo Camurça invoca outras reflexões:

“A questão é complexa porque as religiões, à

9 Sobre a fragmentação do espaço público, é interessante o artigo “A fragmentação do espaço público: novos desafios ético-políticos”, autoria do professor João Carlos Correia, da Universidade Beira Interior, Portugal. [correia-joao-fragmentacao-do-espaco-publico.pdf](http://www.bocc.ubi.pt). Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acedido em 12 de janeiro de 2013.

10 Disponível em <http://www.unicap.br/assecom1/?p=41002>. Acedido em 28 de agosto de 2013.

sua maneira, também reivindicam-se respeitando os princípios democráticos/republicanos, porém gostariam de influir mais nas decisões estatais a partir dos seus valores morais, ainda porque julgam que o cidadão é também um fiel e partilha de suas concepções religiosas. Para a *intelligentsia* brasileira, a questão é medir quais os limites do discurso religioso dentro do espaço do ‘bem comum’ para que ele não caia no ‘fundamentalismo’, lembrando que ele é apenas um dos discursos entre outros que compõem a sociedade. Haveria então, que se converter o discurso (moral/espiritual) religioso no discurso racional-legal universal do debate público? Ou não há como fugir que ele entre neste debate com suas características próprias? Por outro lado, será a sociedade brasileira suficientemente secularizada no sentido que não aceita os valores e crenças religiosas na estruturação de sua dinâmica? Bom, este é um debate que vem polarizando os cientistas sociais e políticos, os cientistas da religião e todos os que se ocupam do exame do papel da religião na esfera pública”.

E é no campo da filosofia da linguagem, sob a perspectiva do filósofo da linguagem de Mikhail Bakhtin e o seu Círculo, que a nossa pesquisa estará dialogando.

As peças jornalísticas que nos interessaram para a composição do *corpus* de análise foram especificamente aquelas que apresentaram no seu conteúdo indícios explícitos da difusão do discurso religioso e do discurso político na mesma notícia. Apesar do nosso interesse sobre questões pertinentes à separação e/ou imbricação da esfera religiosa e laica no Brasil atual, a construção de uma metodologia capaz de possibilitar um aprofundamento interpretativo resultante da ampliação do contexto, proporcionando o emergir de mais vozes do que as evidentes e nessas vozes (evidentes e emergentes) enxergar/escutar o jogo das relações identidade/alteridade, monologismo/dialogismo a partir de um cotejar de textos – penetração profunda - em que os diferentes textos, as diversas vozes, contemple o múltiplo como necessário, mas também o singular.

É importante ressaltar que se trata de uma pesquisa qualitativa e nessa fase dos trabalhos estamos num nível exploratório das análises.

Conclusão

Num primeiro exercício de compreensão e interpretação – uma vez que estamos na fase inicial da pesquisa de pós-doutoramento - dos discursos nos noticiários do jornal diário, impresso, generalista, *Folha de S. Paulo*, com um olhar direcionado para o *corpus* constituído por 52 peças, verificamos que conforme avançava a campanha política dos três principais candidatos à prefeitura da cidade de São Paulo no ano

de 2012, nomeadamente José Serra (PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira), Fernando Haddad (PT – Partido dos Trabalhadores) e Celso Russomano (PRB – Partido Republicano Brasileiro), verifica-se nos discursos dos noticiários do jornal *Folha de S. Paulo* um crescente na divulgação das peculiaridades da campanha política de cada um fortalecidas na imbricação entre espaço público e espaço privado, esfera religiosa e esfera laica.

Nota-se ainda que, juntamente com as peculiaridades das escolhas - explícitas ou não -, para temas que envolvem e/ou envolveram polémicas recentes no campo dos direitos individuais, com temas com grande repercussão na mídia nos últimos tempos, como a lei que regulamenta o casamento entre pessoas do mesmo sexo, adoção de crianças por casais do mesmo sexo, educação sexual nas escolas, com proposta de distribuição de material pedagógico sobre assuntos como homofobia, homossexualidade, nomeado pela mídia como “kit gay”, possibilitando o enxergar/escutar e o emergir das várias vozes (evidentes e emergentes) no jogo das relações identidade/alteridade, monologismo/dialogismo, discurso dogmático/libertário, direitos individuais/direitos coletivos.

Referências bibliográficas

- Bakhtin, M. (1993). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (tradução de Yara Frateschi Vieira). São Paulo, HUCITEC; Brasília, Editora da Universidade de Brasília.
- Betto, F. (2006) *Batismo de Sangue – Guerrilha e Morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro, Editora Rocco.
- Boletim Unicap. Disponível em: <http://www.unicap.br/assecom1/?p=41002> a(cedido a 28 de agosto de 2013).
- Correia, J. C. A fragmentação do espaço público: novos desafios ético-políticos. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt> (acedido em 12 de janeiro de 2013).
- Dossiê Ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil, 1964-1985. (2009) São Paulo, IEVE/Imprensa Oficial do Estado de S.Paulo.
- Folha de S. Paulo (2 de setembro de 2012). Folha é o jornal com mais leitores na Grande São Paulo. São Paulo, Editoria Poder, p. A19.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia. Disponível em: <http://www.ibge.org.br/> (acedido em 20 de agosto de 2013).
- Martelli, S. (1995). *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo. Paulinas.
- Novaes, R. (2005). *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?*, in Abramo, H.; Branco, P. P. M. (org.). *Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, p. 263 – 290.
- Teles. E. (2012). *O que resta da ditadura*. São Paulo, Boitempo.
- Ponzio, A. (2013). *No círculo com Mikhail Bakhtin*. São Carlos, Pedro & João Editores, 2013.